

KEISERMAN, Nara. **Ver de fora, ver de dentro**. Rio de Janeiro: Unirio/ Depto de Interpretação Teatral; Professora Associada. Unicamp; Pós-doutorado; Renato Ferracini. Atriz e Preparadora Corporal/Diretora de Movimento.

RESUMO

Narrativa de experiência como ouvinte participante. Relato e observações sobre algumas das atividades programadas.

Palavras-chave: Observação. Escuta. Pensamento. Ação. Afetos.

ABSTRACT

Narrative of experience as a participant listener. Report and observations on some of the planned activities.

Keywords: Observation. Listening. Thought. Action. Affections.

O que ofereço aqui é um relato, de um ponto de vista de fora, considerando que não pertenço aos quadros do PPGADC. Estou em Pós-Doc com supervisão de Renato Ferracini, descompromissada de participar do Seminário com apresentação de trabalho ou outra função. Recortado, pois opto por me referir a apenas algumas das atividades programadas, certamente as que me tocaram mais fortemente, e por isso, necessariamente pessoal, impressionista.

Meu impulso é começar com “saí do Rio de Janeiro no dia tal”, mas vou controlar minha índole de narradora épica, que se estende sobre um vasto campo, sem nenhuma pressa de chegar ao final da saga. Opto por seguir uma ordem cronológica, apontando a atividade programada seguida das minhas observações, cujo caráter é determinado pela experiência e tendo como guias minhas anotações e memória.

Terça-feira, 7 de maio de 2019, das 10:00 às 12:00. Sala AC 03 – DAC¹.

Abertura: “Roda de Professores. Os professores do programa PPG Artes da Cena, se reúnem para uma discussão mediada sobre o tema do Seminário: ‘Teoria e Prática nas Artes da Cena’. Professores envolvidos” (e segue a lista).

A opção pelo termo “roda”, no lugar de “mesa” e de “envolvidos” no lugar de “convidados” ou “palestrantes”, indica um claro movimento em direção a uma nova ou outra configuração de trocas de saberes. A roda promove a circulação e a igualdade, o envolvimento pressupõe a adesão. Na fala dos professores, evidencia-se a proposta de Ana Cristina Colla: cada professor deveria enviar para outro (sorteado no padrão do amigo oculto natalino) um texto que seria o impulsionador da fala. O uso do tempo verbal dá uma pista. Não foi o que aconteceu. Nem todos enviaram o texto e nem todos que receberam fizeram uso dele. Esse fato foi exposto com bom humor e sem um eventual constrangimento e deu a conhecer, para os ouvintes, não apenas a pesquisa de cada professor, mas também um certo *modus operandi*.

Das falas apresentadas, chamaram especialmente minha atenção as de Cassiano Sydow Quilici, Cássia Navas, Ana Cristina Colla e Matteo Bonfitto.

¹ Faço referência às salas pela certeza do quanto a espacialidade interfere, participa dos acontecimentos.

De Quilici, cito² “Estar diante das pessoas já é criar um espaço” e “Percepção já é ação”. Cassiano (permite-me aqui uma certa intimidade no tratamento pelo primeiro nome) tem essa qualidade e competência para dizer/escrever o que eu gostava de chamar de simplicidades profundas. Ouvi essa frase e pensei: é claro que até mesmo num contexto cotidiano a configuração espacial desenhada espontaneamente pelas pessoas, nas suas relações e com os objetos, cria um espaço que vai além e interfere no acontecimento imediato. Na roda, modo tradicional³ de iniciar-se uma aula de prática teatral, todos ali colocados em relação de igualdade, cria um espaço de troca presumidamente equilibrado, em que cada um vai exercer o que toma para si como atitude, ação adequadas. E, se a percepção já é ação – e é, porque além de outras implicações mais sutis, mobiliza vários aparatos inclusive musculares – ao sentarmos em roda estamos em ação. Mas, precisou Cassiano dizer isso assim a seu modo, com clareza e assertividade.

A partir da dualidade entre teoria e prática – tema do Seminário, aparentemente superado (ou que gostaríamos de ter superado) e que, no entanto, produz e impulsiona ainda tantas discussões – Cássia Navas introduziu a ideia de tríades, citando Aristóteles sobre teoria + prática + poiesis – sendo o terceiro elemento o que faz mover. Neste caso, entendo a poiesis como a solução para nos afastar do enfrentamento – como se houvesse um embate que não há – entre os outros dois lados do triângulo. Entendo a poiesis como o ponto de convergência que dá sentido (direção) às práticas cênicas e teóricas⁴.

Citando Ana Cristina Colla, cuja fala me encheu de alegria. “Nosso trabalho poético cria mitos reais. E a gente tem que tornar isso possível. ” Sua fala foi como que complementada pelo de Matteo Bonfitto, que trouxe a ideia de “práticas de alteridade”. Ouvir-me trouxe a certeza impermanente, é claro, de que a palavra, a escrita surge da pesquisa prática e que há uma escritura a ser inventada para a experiência a que está conectada.

Falou-se ainda na diferença entre metodologia e procedimentos metodológicos, na necessidade do recuo perceptivo em relação à própria pesquisa, cujo grau me parece indefinível.

Despida de um certo pudor, cito as minhas anotações que são como recados para mim mesma: “Não posso esquecer que não sou nem almejo ser uma teórica, seja o que isso quer dizer. Sou artista-docente e minha ação como pesquisadora se dá nesses dois campos. ” E anotei uma lista das leituras que quero fazer neste momento.

Quarta-feira, 8 de maio de 2019

9:00 às 12:00. Sala AC 01 – DAC.

² As citações são das minhas anotações. Eventualmente, não correspondem exatamente ao que o citado falou.

³ Em 2011, o Grupo de Pesquisa Artes do Movimento, Unirio, organizou o I Seminário I Seminário Internacional Artes do Movimento – Corpo Cênico: Linguagens e Pedagogias. Na Abertura, uma homenagem à coreógrafa Lourdes Bastos, residindo Há muito tempo nos EEUU, pela importante contribuição ao desenvolvimento da Dança e do Teatro no Brasil. Reunidos numa sala de aulas práticas, portanto sem cadeiras, no momento de iniciar a cerimônia, todos os presentes naturalmente se colocaram em roda. Lourdes reagiu com espanto àquilo que para nós era do cotidiano do trabalho.

⁴ Um grupo de pesquisadores, no qual me incluo, têm trabalhado com uma aproximação entre a cena e as práticas contemplativas. Nas minhas práticas contemplativas, a poiesis está certamente brilhando no horizonte.

OFICINA – “Óscar e Nós: Provocações Corporificadas Como Pesquisa”, com Ana Terra, Marisa Lambert e Silvia Maria Geraldi

O que segue, escrito no calor da Oficina, está em itálico.

Cheguei atrasada, justo ao final do primeiro bloco de experiência. Quando entrei, vi as pessoas em pé, girando lentamente ao redor do próprio eixo.

Recebida por Sílvia Geraldi, que me entregou um papel onde se lia: “E os corpos? O que fazem os corpos? ” A proposta era partir da experiência corporal para a escrita espontânea. Escrevi. *Silêncio preenchido pelos corpos. Atmosfera de trabalho acolhedor. Eu, suando da caminhada, vindo da rua e intencionando, sem esforço, me colocar nesse lugar. Sinto meu corpo ardente, ainda ofegante.*

Seguem-se dois momentos de práticas potentes e, para mim, tranquilizadoras, em que se trabalhou de diferentes maneiras, a partir de diferentes indicações e dinâmicas variadas, as ações de: resistir, fluir, insistir e desistir.

Duas novas perguntas. A primeira a ser respondida com movimento: “Quando um pesquisador diz ‘eu’, quem está dizendo ‘eu’?” *Eu estava embebida, embevecida com alguma coisa que tinha ouvido sobre a imensidão dos universos e tendo na cabeça a frase que li em algum lugar, mais ou menos assim: quando você diz eu, de que eu você está falando?* E ainda, de acordo com a Yoga da Voz⁵: quem canta, quando você está cantando? Convicta de uma atuação em cena que o ator é um canalizador, levantei e deixei-me mover. Simples assim, sendo essa simplicidade associada a um não-julgamento e um não-fazer. Tempo para criar e desfrutar - e pausa para a segunda pergunta: “Qual é a teoria que cabe fazer agora?” *Meu impulso diz: NENHUMA! Falar sobre o que fiz? A mecânica técnica dos movimentos? Narrar os pensamentos que são voadores, fugidios, oníricos? Narrar o que vi?* Naquele momento, nenhum interesse nisso. Venho desenvolvendo, já há algum tempo, uma prática de escrita analítica sobre meu trabalho em cena, mas naquele momento isso não fazia o menor sentido. Eu estava preenchida pelo que o movimento me ofertara.

Última proposta. Em grupos, ler e discutir o artigo de Óscar Cornago (2010, pp 230-233), chamado “Onde acaba a teoria?” No meu caderno: *poderia sublinhar tudo. Toas as questões, perguntas, estão aí.* Não anotei e não lembro o que falamos, no grupo. Lembro do trazer que foi estar ali.

E lembro da perfeita afinação entre as três professoras que conduziram o trabalho. Mesmo vocabulário, entendimento, tom de voz – era quase imperceptível a passagem da fala de uma para a outra. E lembro do meu prazer, da energia circulando solta pelo meu corpo.

14:00 - 15:30 – Sala AC 03 – DAC

“Epistemologias do Sul, Teatro e Museologia Social: Caminhos para descolonizar os saberes”. Apresentação de Trabalho com Verônica Fabrini Machado de Almeida, Erika Carolina Cunha Rizza de Oliveira, Luciana Mizutani, Ana Flávia Sanfelice.

⁵ A Yoga da Voz, concebida por Sílvia Nakkach, apresenta-se como um caminho de cura e tem como fontes diversas culturas musicais: a Yorubá, a Hinduista (principalmente o *dhrupad*, considerada a mais antiga música clássica do norte da Índia) e as tradições xamânicas. Está calcada no exercício da arte como ato devocional, como prática espiritual.

A organização dos grupos foi iniciativa dos próprios alunos, colocando-os na situação de optar por apresentar ou não sua pesquisa, com quem – reconhecendo seus pares – e escolher um professor, no papel de mediador, indicando confiança e afinidade intelectual. Interessante observar que os mediadores, que na lista de participantes da “mesa” não aparecem com nenhum destaque, nem sempre eram os orientadores dos alunos.

Verônica Fabrini, a professora convidada pelo grupo de alunos (que poderiam ser mestrandos ou doutorandos⁶), enfatizou o ainda pouco comum perfil dos trabalhos apresentados, na conjugação entre práticas de pesquisa e extensão. Finalizou com um chamamento: “Não vamos deixar tudo virar bibliografia e se afastar da vida!”

Foi uma tarde alegre e emocionada, cujo tom foi dado pela presença ativa das meninas do Grupo Primavera⁷. Apresentaram-se no coral, duas delas compuseram a “mesa”, fizeram colocações e perguntas. A que mais mobilizou a plateia foi: “o que vocês sentiram quando entraram para a Unicamp?” Muitos responderam, contando principalmente seu esforço, sua determinação. Grande parte dos que tomaram a palavra eram negros e a mulheres. Uma amostra clara da nossa sociedade: para o branco de classe média, entrar numa universidade pública é normal, é parte do seu percurso, basta estudar um pouco. Não elimina a alegria, é claro, mas não há medida possível de comparação para o que representa entrar na universidade para estes e para aqueles que por muito tempo não tiveram acesso a ela. Não por acaso, no site do Grupo Primavera há uma entrada chamada “Histórias de transformação”.

15:30 - 17:00 – Sala AC 03 – DAC

“Pedagogias das Danças: práticas e contextos”. Apresentação de Trabalho com Ana Terra, Ana Patricia Vasconcellos Sharp, Nicolli Maronese Tortorelli, Raquel Pires Cavalcanti, Ana Carolina Araujo.

Interessou-me especialmente a ideia, ali apresentada, de uma Pedagogia que se constitui pela Arte e não pela Educação⁸; de uma Pedagogia que emerge dos processos de criação – e que todos vimos praticando desde sempre. E por isso, somos artistas-docentes e não docentes-artistas. Muitos de nós escreveram sobre isso, em artigos e capítulos de livros.

Quinta-feira, 09/05/2019

09:00 - 12:00 - Sala AC 01 – DAC

⁶ Deve-se destacar a presença também dos alunos de Graduação, em mais um trânsito feliz que aposta na circulação não hierarquizada de saberes e experiências. Não são necessariamente os alunos de Graduação os únicos beneficiados.

⁷ O Grupo Primavera é uma Organização da Sociedade Civil que recebe crianças, adolescentes e jovens de 6 a 18 anos do entorno do Jardim São Marcos, Campinas (SP), para atendê-las em programas de educação complementar, cultural e profissional. Classificada como Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, a entidade – fundada em 1981 –, atende hoje cerca de 500 meninas e meninos, além de seus familiares. <http://gprimavera.org.br/> acesso em 22/05/2019.

⁸ Ovi de um professor da Faculdade de Educação da USP, cujo nome prefiro omitir, que não existe isso que chamamos de Pedagogia do Teatro.

OFICINA – Mímesis Corpórea, com Raquel Scotti Hirson

Não fiz nenhuma anotação. Raquel não propôs a escrita como parte do trabalho e, ao final, mesmo preenchida pelos eventos, confesso que não tive nenhum impulso para fazer isso, de transformar minha experiência no que poderia ter sido uma escrita performativa.

O que segue, e talvez tenha traços de uma escrita performativa, é evocado pela memória, pela re-vivência que faço agora daquelas três horas de muito trabalho. Lembro, agora, de um professor de Física na escola, ensinando a fórmula de Trabalho, explicando que sem Peso e sem Espaço não há Trabalho. Seu exemplo foi o de um estivador, com uma saca pesadíssima nos ombros. Se ele não se deslocasse, aquela ação, de suportar o peso não seria Trabalho. Repito, enfática, trabalhamos muito. O Peso, a saca, vinha do próprio corpo, em sua organização tensional, ou do espaço, cuja textura impunha determinadas dinâmicas. O deslocamento era uma das condições para a expressividade.

Lembro que:

Após uma explanação do trabalho, sua origem e fundamentos⁹, Raquel nos jogou num trabalho em que observação e movimento tornam-se uma coisa só. Observação como visão e apropriação imediatamente e, portanto, espontaneamente incorporada, transformada – a palavra não é boa, porque sugere processo e denota tempo – em corpo. Elimina-se o tempo entre percepção e ação. Cassiano já tinha ensinado que são a mesma coisa. Aqui, a ação inclui um redimensionamento do corpo no espaço e, assim, modifica-se também o espaço.

As fotos detonadoras das corporeidades foram colocadas nas paredes da sala por nós mesmos, os alunos. Fizemos isso o mais agilmente possível, de modo que não sabíamos qual a imagem do que tínhamos colado. Isso aconteceu comigo e suponho que com todos. Então, quando Raquel “mandou” que olhássemos as fotos, depois de estarmos com o corpo e a atenção ao aqui-agora acordados, eu não tinha ideia do que ia ver. Foi como ela mesma indicou: ao olhar para a galeria de fotos, é a foto que nos olha. Associação imediata com o livro de Didi-Huberman, *O que vemos, o que nos olha*.

O que pude perceber, na experiência das duas figuras que criei, foi que minha ação se desenrola processualmente de forma fluente quando alimentada pelo pensamento, ousado dizer, por um “conflito”. Construído um corpo, sem uma ressonância interna mais potente, não se instala, para mim, o prazer da criação. Vivi a potência criadora na antropofagia da primeira imagem. Isso não se instalou na segunda. Fiz um corpo e sentia meu pensamento num estado de neutralidade, do qual não brotavam ideias nem emoção. Deixo de examinar, aqui, os motivos para isso.

14:00 - 15:30 - Sala AC 01 – DAC

“Interculturalismo: uma nova percepção ética nas relações Oriente-Occidente e na pesquisa acadêmica”. Apresentação de Trabalho com Cassiana Rodrigues Santana, Andrea Itacarambi Albergaria, Guryva Cordeiro Portela, Igor de Almeida Amaranjás, Irani da Cruz Cippiciani, Rafael de Lemos Melo.

⁹ Não vou apresentar o conceito, cuja elucidação foi objeto de vários artigos publicados pelos integrantes do Lume Teatro.

15:30 - 17:00 - Itinerante

“Corpo e paisagem: experiências performativas.” Apresentação de Trabalho com Laila Renardini Padovan, Carla Vendramin, Fábio de Almeida Pimenta.

Opto por trazer minha experiência nesta tarde inteira, pois tudo começou – e peço licença para afetividades – com o encontro inesperado com uma aluna querida, a Cassiana Rodrigues, com pesquisa no contexto Oriente-Occidente, e foi se desenrolando até a finalização de um percurso realizado na companhia de muitas pessoas, guiado pelos apresentadores do “Corpo e paisagem”.

Ainda no corredor, indo em direção à sala, vi Cassiana quase correndo em minha direção. Tomadas de intensa alegria, os afetos que nos unem pulando em risos e abraços. E então, uma sucessão de *rasas* proporcionadas pelo deleite estético do que se viu e ouviu. Acredito que posso falar assim, referindo-me ao coletivo. Do que vi/ouvi, fui presenteada com as *rasas*¹⁰ *adbhuta* (maravilha, surpresa) – a maravilhosa surpresa de encontrar Cassiana e conhecer sua pesquisa, em que cruza deidades indianas com entidades do candomblé; *vira* (coragem, virilidade) – como reação imediata à performance de Rafael de Lemos Melo¹¹ no taikô (tambor japoneses), que fez meu Corpo (além do físico) vibrar intensamente até explodir num misto de *sringara* (amor) e *santa* (graça). Estas *rasas* me trouxeram, mais uma vez, a certeza de que a Arte é sempre devocional, qualquer que seja o objeto de devoção.

Saí dali inebriada para o “Corpo e paisagem: experiências performativas.” Foi exatamente o que se passou. O Corpo (além do físico) em contato com a Paisagem (visual: lugares e pessoas, com diferentes emanações, vibrações, texturas e cores; tátil e sonora: as escutas interna e externa, sendo que esta incluiu as vozes dos condutores da experiência, refletindo sobre suas pesquisas. E muitos silêncios). Minha sensação foi de uma meditação com movimento. Mais uma vez, *santa* (graça, paz).

Minha intenção, ao escolher acompanhar todo o Seminário de Pesquisas Mario Santana¹² foi conhecer as pesquisas dos professores e alunos do Programa. Alcancei muito mais do que isso. Agradeço, agradeço, agradeço.

Referências Bibliográficas

DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

¹⁰ “*Rasa* é uma palavra em Sânscrito que significa, literalmente, essência, suco, sabor. [...] Em um capítulo dedicado à *rasa*, Bharata, o autor (talvez real, talvez mítico) do *Natyasastra*, diz: As nove *rasas* básicas e suas emoções correspondentes, livremente traduzidas, são: *sringara* (amor, o erótico), *raudra* (raiva), *karuna* (tristeza, mas também pena e compaixão), *bhayanaka* (medo), *bibhatsa* (repugnância, nojo), *vira* (coragem, virilidade), *hasya* (riso, o cômico), *adbhuta* (maravilha, surpresa), e *santa* (graça, paz). A experiência dessas emoções tem lugar *entre* o performer e o espectador no momento da performance ao vivo. Este espaço compartilhado *entre* é a localização de *rasa*.” <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1797/1531>. Acesso em 23/05/2019

¹¹ Rafael tocou na companhia de uma aluna da Graduação, cujo nome me escapa no momento, infelizmente. Queria muito escrever seu nome.

¹² Mario foi meu aluno na CAL – Casa das Artes de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, provavelmente no final dos anos 80. Pude ver nele, ali, o que se sabe: comprometimento, competência e alegria.

MINNICK, Michele; COLE, Paula Murray. *O ator como atleta das emoções: o rasaboxes*. O percevejo online. PPGAC/Unirio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2011.

<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1797/1460> Acesso em 22/05/2019